

A Evolução e a liberdade relativa da Criação

Evolution and relative freedom

*Josiney A. Souza**

Resumo: Esse manuscrito traz uma reflexão sobre o livre arbítrio a partir do ponto de vista evolucionário. O modelo darwiniano é testado no espaço da liberdade relativa das criaturas e da evolução espiritual da pessoa humana. Propõe-se a idealização de um pensamento evolucionista aprimorado capaz de contribuir com o exame das potencialidades do ser humano em sua plenitude.

Palavras-chave: Evolução; livre-arbítrio

Abstract: This article discusses the doctrine of free will by the evolution point of view. The Darwinian mechanism is inspected in the setting of relative freedom and human spiritual evolution. One suggests an enriched evolutionist method to the analysis of the complete human faculties.

Keywords: Evolution; free will

* Doutor em Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Professor do Departamento de Matemática da Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Graduado em Ciências pela Universidade Paranaense (UNIPAR) – Bacharel Eclesiástico pelo Instituto Cristão Internacional (ICI). E-mail: jasouza3@uem.br.

1. Introdução

Houve um tempo em que a investigação dos mecanismos da criação era vista como curiosidade sacrílega. Esse tempo passou, a liberdade venceu a resistência e hoje o homem tem seu próprio modelo da criação no *Big Bang* e na evolução. Nesse conhecidíssimo episódio da história da humanidade, a soberania da Igreja cede ao pensamento científico depois de finalmente compreender a percepção de Galileu:

Eu acreditaria que a autoridade das Sagradas Letras tivesse tido em mira apenas persuadir os homens daqueles artigos e proposições, que, sendo necessários para a salvação deles e superando todo discurso humano, não podiam tornar-se críveis nem por outra ciência nem por outro meio, senão pela boca do próprio Espírito Santo. Mas, que aquele mesmo Deus que nos dotou de sentidos, de discurso e de intelecto, tenha querido, preterindo o uso destes, nos dar por outro meio as informações que podemos conseguir por aqueles, não penso que seja necessário crê-lo; sobretudo naquelas ciências das quais uma partícula mínima e em conclusões dispersas se lê na Escritura.¹

A procura por uma elucidação científica independente da narrativa bíblica evidencia a liberdade do ser humano expandindo seus limites. Essa notória expansão tem instigado a reflexão teológica a examinar um aparente aspecto evolutivo do livre arbítrio do homem. Algumas percepções apontam para um aprendizado progressivo do uso da liberdade, que leva o homem a evoluir a partir de seu egoísmo inicial até a sua completa realização na auteridade e comunhão com Deus.

As Sagradas Escrituras revelam que Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança, com exclusiva inteligência que o difere de todos os outros seres vivos e que lhe confere o domínio sobre a terra (Gênesis 1-2). Conforme descrevera o reverendo D. C. Stamps (-1991), Deus criou o homem com o desejo de ser seu amigo íntimo, de compartilhar com ele a Sua glória, de produzir nele a admiração, e assim

¹ GALILEU. Ciência e fé, p. 21.

receber dele o louvor espontâneo.² Obviamente, essa atitude somente teria um significado se o homem fosse dotado de total liberdade para fazer escolhas e tomar decisões. Com livre arbítrio Deus assim formou o homem, de forma que sua reverência e adoração a Deus fossem frutos de sua própria vontade e produzidas no lugar profundo de seu coração. Assim, podemos pensar que a principal expectativa divina em relação às decisões humanas esteve sempre na escolha entre a amizade e a inimizade com Deus. O resultado dessa expectativa é uma passagem bem conhecida. Os primeiros seres humanos decidiram fazer o que pensavam ser o melhor para suas vidas, mesmo que para isso fosse preciso cometer uma violação. Na presença de Deus e em posse da terra perfeita para desfrutar de tudo o que era bom, eles alimentaram seu ego com a ganância do conhecimento do bem e do mal, querendo ser como Deus.³ Os israelitas tinham Deus como Rei, mas decidiram ter um rei humano para governá-los e julgá-los. Rejeitaram a Deus e escolheram ser como as outras nações, contrariando o propósito divino de servirem de exemplo para os outros povos.⁴ A rebeldia de Israel evidencia a livre vontade do homem em resistir à graça e à vontade do Criador.⁵

A deflagração do pecado tem influenciado as escolhas do homem em favor da impiedade e da injustiça. Mas a Palavra de Deus assevera que toda pessoa humana dotada de sã consciência é inteiramente responsável por suas escolhas e atitudes. Diz em Romanos 1:18-25:

Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram

² Bíblia de Estudo Pentecostal, p. 31.

³ Gênesis 3.1-6.

⁴ 1 Samuel 8:1-8.

⁵ Lc 13:34.

graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória de Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém!

Essa é a concepção tradicional do panorama envolvendo o conceito de livre arbítrio extraído da palavra revelada. Porém, com a recente difusão do pensamento evolucionista, outros ingredientes têm sido adicionados na reflexão teológica, os quais suscitam uma visão da liberdade em processo de evolução. Assim como outros conceitos fundamentais da teologia, o livre arbítrio tem sido revisto à luz da visão evolucionista, em decorrência da mudança na imagem de Deus e do ser humano. Nessa reflexão, a liberdade da ação de Deus no mundo também tem sido repensada, sugerindo-se uma interpretação aperfeiçoada da intervenção divina.

No presente artigo, revisitamos a discussão sobre o livre arbítrio a partir do ponto de vista evolucionário. Apontamos uma dependência da liberdade da natureza em relação à soberana vontade divina de regeneração do mundo. Destacamos a fragilidade da cosmologia natural em contribuir com a antropologia e mostramos os pontos onde os modelos evolutivos são incompatíveis com a liberdade relativa das criaturas e com a evolução espiritual dos seres humanos. Nesses termos, propomos a adoção de um pensamento evolucionista aprimorado capaz de contribuir com o exame das potencialidades do homem em sua plenitude.

2. O pensamento científico

Qualquer linha de pensamento universal inevitavelmente deve se condicionar à questão da liberdade das criaturas. Faremos agora uma passagem pelos pensamentos leibniziano, newtoniano e evolucionista, buscando sintetizar suas relações com o conceito de livre arbítrio.

Segundo a cosmovisão leibniziana,⁶ Deus projetou o universo de forma que esse evoluísse por conta própria, sem a Sua influência ou intervenção contínua, mas respeitando fielmente as leis inseridas por Ele. Esse deísmo é a concepção do mundo por parte de muitos cientistas que, mesmo sem negar completamente a Deus, excluem a entidade divina do pensamento científico, ressaltando que os processos que dinamizam o cosmos e a vida do ser humano são todos governados por determinismos físicos, químicos e biológicos, os quais restringem ou até mesmo anulam o livre arbítrio das criaturas. Nessas condições, a liberdade de escolha do ser humano tem dependência exclusiva de sua particular composição química, de forma que os variados tipos de caráter e temperamento ficam determinados pelo código genético dos indivíduos. Diferentemente, segundo o ponto de vista newtoniano,⁷ Deus estabeleceu as leis da natureza ao criar o universo e atua continuamente sobre ele, preservando as leis e sustentando a vida. Se a atuação de Deus se restringisse somente à manutenção das regularidades naturais, as orações não teriam funcionalidade, o que contradiz a verdade bíblica. Portanto, no pensamento newtoniano, a evolução do cosmo também está sujeita à liberdade de Deus em intervir nos acontecimentos.

Embora as cosmovisões de Leibniz e Newton sejam bem distintas, elas concordam que o universo é um projeto de Deus e que tudo o que existe depende das leis estabelecidas na criação. Mesmo não podendo ser pré-determinadas, as escolhas do homem estão sujeitas às leis naturais e suas consequências. No entanto, nem todas as coisas procedem segundo a vontade e determinação de Deus, uma vez que Ele mesmo assim decidiu. A vontade de Deus é que todo homem tenha a salvação de sua vida, e isso não depende das leis da natureza. Por outro lado, não é vontade de Deus alguém saltar de cima de um edifício de quarenta andares sem resistência aerodinâmica ou invadir um recinto de leões famintos, mesmo invocando Seu nome, pois se alguém assim o fizer, as leis da natureza serão mantidas e o resultado será evidentemente trágico.

⁶ Atribuído ao matemático Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716).

⁷ Atribuído ao físico-matemático Isaac Newton (1642-1727).

Avulso ao conceito de Deus, o pensamento evolucionista tem ganhado cada vez mais espaço e credibilidade nas discussões científicas e filosóficas. A teoria da evolução se sustenta no modelo *Big Bang* de universo, que pressupõe o surgimento da matéria a partir de uma imensa explosão de energia acondicionada em dimensão zero, cujo efeito produz a evolução do cosmo. Apesar de certa rejeição sofrida principalmente no meio religioso, o modelo *Big Bang* e a teoria da evolução são predominantes no campo científico e nos livros didáticos. Todavia, vislumbrando a capacidade humana de projetar explosões para fins específicos, considerando itens de intensidade, simetria, efeitos artísticos, etc., é intuitivo que Deus tenha gerado o cosmo dessa forma. A aparente aleatoriedade na formação e evolução dos seres, incluindo a informação dos códigos genéticos das espécies, é facilmente substituída pela influência da ação divina. Por exemplo, ao se jogar uma moeda de faces A e B, a probabilidade de ela cair com a face A voltada para cima é de 50%, isso se não houver influência física alguma. Mas sob influência, essa probabilidade pode aumentar muito e se aproximar de 100%. Dessa forma, cadeias causais influenciadas formariam as moléculas e sustentariam a evolução. Quando a ciência examina as características específicas de cada criatura – por exemplo, a cor do peixe dourado e o tamanho do elefante africano – esta consegue identificar os motivos dessas características serem como são. Isso indica que nada é criado de forma aleatória e, portanto, deve-se considerar a influência da ação divina na evolução do cosmo.

Contudo, a história do universo e do ser humano não deve se resumir a uma explosão e seus efeitos, mesmo incluindo a direção de uma mente superinteligente. Se o *Big Bang* é de sorte mais do que mera teoria, este é sem dúvidas uma boa estratégia pedagógica de explicar a origem de todas as coisas. No entanto, em favor da ciência, a realidade sempre será um mistério para o homem, o qual somente com a fé em Deus pode aceitar e se conformar com aquilo que for capaz de conceber. É de fato difícil imaginar o livre arbítrio como um efeito projetado da grande explosão e moldado pela evolução. Se o direcionamento inteligente for integrado ao modelo, ainda temos o contrassenso da liberdade de escolha de cada pessoa ser previamente planejada e determinada. O livre arbítrio

indica que a trajetória de cada ser humano não é determinística e que se adapta melhor ao espaço das probabilidades. Nesse ponto, diga-se de passagem, a física quântica parece ser no momento a melhor sugestão para uma reformulação moderna do modelo padrão do universo.⁸ Agora, se o modelo *Big Bang* interpreta ao menos uma parte da realidade, faz sentido tratar a evolução como o processo sob o qual todas as criaturas surgiram, incluindo o ser humano. Todavia, a amplitude da liberdade do ser humano precisa ser atendida, sendo necessário considerar sua composição corpóreo-espiritual.

3. Livre arbítrio e evolução

Nesta seção faremos uma incursão em reflexões ostentadas por um teólogo e por um físico. Ambos compartilham basicamente da mesma visão evolucionista que predomina no cenário acadêmico contemporâneo.

No texto “Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça”, o professor de teologia Marco A. G. Bonelli propõe que o ser humano tem a aptidão de explorar sua liberdade para evoluir, elevando suas potencialidades naturais e espirituais em direção a um estado de maturidade ideal aguardado pacientemente por Deus. Baseado em princípios darwinianos e na obra de Segundo (1995),⁹ Bonelli reflete sobre a presença de Deus no desenvolvimento da pessoa humana, onde defende que a ação divina de forma nenhuma restringe a liberdade humana, mas interage com ela em um processo evolutivo orientado para a plena realização da pessoa na comunhão com Deus. Visto que a teoria da evolução se baseia exclusivamente no conhecimento científico experimental, Bonelli procura esboçar uma possível interação entre os determinismos e a ação divina de forma que a liberdade do homem, a liberdade da natureza e a liberdade de Deus se encontrem em perfeita harmonia.

⁸ A aplicação de um modelo baseado na física quântica se encontra ainda em fase de estudos.

⁹ SEGUNDO, J. L. *Que Mundo? Que Homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia.*

A teoria da evolução aceita naturalmente a noção de liberdade nos seres criados, uma vez que inclui eventos aleatórios e imprevisíveis no processo evolutivo das espécies. Mas essa interação da evolução com o livre arbítrio não anula a necessidade de um direcionamento inteligente. A ação divina é ainda mais evidente e necessária quando se considera as características específicas do ser humano, dotado de uma liberdade não meramente analógica, como dos outros seres vivos, mas em sentido pleno que envolve sua racionalidade e sua espiritualidade. Considerando esses aspectos, Bonelli sustenta que os dinamismos evolutivos podem estar associados ao amor de Deus em Suas ações criadora e salvadora. Mas para que isso seja possível, deve-se refutar a ideia da intervenção divina direta que, segundo o teólogo, não é compatível com o conhecimento científico.¹⁰ Por outro lado, também não é aceitável afirmar que a ação divina no mundo se reduz ao funcionamento das leis naturais. Mais plausível é a interpretação bíblica do despojamento ou *kénosis* de Deus,¹¹ que age sem anular nada daquilo que é natural e sem intervir nas decisões dos seres viventes.

Trata-se de um Deus que consegue participar da evolução natural do cosmo e do ser humano, mostrando-se “capaz de agir evolutivamente”, sabendo esperar os acasos da natureza e também interagir com as determinações estruturadas a partir das leis da química, da física e da biologia etc.¹²

Para Bonelli, a criação não está concluída, pois Deus continua a criar no ato de Sua própria liberdade, preservando os dinamismos evolutivos do cosmo e respeitando a liberdade do ser humano em evolução. Em um cenário de criação infundável, Deus dotou o homem de exclusiva inteligência, de espírito e também de plena liberdade, uma combinação que promove um complexo processo de maturação no desenvolvimento humano, aprimorado por meio da autoavaliação de comportamento, do discernimento de erros e acertos, da produção de

¹⁰ BONELLI, M. A. G. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, p. 164.

¹¹ Filipenses 2:5-11.

¹² *Ibidem*, p. 166.

conhecimento, aprendizagem e comunhão com Deus.¹³ Nesse processo, Deus se faz presente no íntimo mais profundo do ser humano, como fonte dinamizadora de sua evolução corpóreo-espiritual e amorosa que evolui do egoísmo à alteridade.

A concepção da ação divina na realidade interna do mundo e do ser humano compactua com a revelação bíblica e com o conhecimento científico, uma vez que representa o estímulo fundamental dos dinamismos evolutivos não captados pelas ciências, preservando as leis naturais e respeitando a liberdade dos seres viventes. Uma ação divina externa, pelo contrário, frustraria os dinamismos naturais e poderia exercer domínio completo sobre tudo o que acontece no universo, anulando a liberdade da natureza.

Em sua reflexão sobre as leis naturais e a ação divina, o físico William R. Stoeger também defende que a criação não está terminada, mas que se trata de um processo permanente e evidencia a necessidade de um universo eterno.¹⁴ Tal concepção estende a causalidade divina primária tradicionalmente descrita pela teologia cristã, uma vez que a cadeia causal secundária exige uma causa primária continuamente operante, que preserva a existência e mantém a evolução das coisas, proporcionando-lhes realização. A ação divina concebida dessa maneira explicaria toda a ordem do universo, o que inclui a sustentação das leis naturais e, portanto, de toda forma de conhecimento. A criação continuada revelaria um aspecto crucial da liberdade de Deus em criar, sem causar limitação na liberdade da criação, mas implicando que essa é consequência natural da própria natureza de Deus.

No cenário de causalidade primária continuamente operante, Stoeger reavalia a concepção da ação divina direta e defende que a ação de Deus no mundo procede indiretamente por intermédio das leis naturais.¹⁵ Nesses termos, o físico também entende que a liberdade da pessoa humana e de toda a natureza depende da *kénosis* divina, uma vez que, no ato de esvaziar-se a Si mesmo, Deus reprime Sua aptidão de ser condição suficiente para qualquer caso concreto.¹⁶ Deus foi e

¹³ Ibidem, p. 167.

¹⁴ STOEGER, W. R. As Leis da Natureza, p. 124.

¹⁵ Ibidem, p. 131.

¹⁶ Ibidem, p. 137.

sempre será condição necessária para todo evento, mas nem sempre Deus é suficiente. Assim Deus demonstra Seu amor criador ao permitir que as criaturas também sejam condição necessária para toda ordem de acontecimentos, influenciando-as a exercerem papel fundamental na evolução do mundo.

Stoeger aponta que nas causas secundárias pessoais, Deus interage pessoalmente com o ser humano a partir de uma livre iniciativa de ambas as partes. Com efeito, Deus não força a pessoa a cooperar, muito pelo contrário, Ele age com grande reverência por Sua criação e pela liberdade e independência das pessoas com as quais Ele se comunica.¹⁷ Tratando-se da ação de Deus por meio de causas impessoais, nas quais os agentes ou instrumentos não estão livres para agir ou não agir, a questão da conexão entre o material e o imaterial permanece, pois do mesmo modo, não compreendemos como Deus diretamente causa ou restringe a ação de seres impessoais ou inanimados. “Temos esperança que isso seja paralelo ao progresso no entendimento de como questões de mente e corpo são solucionadas”.¹⁸

Assim, com respeito à ação de Deus no mundo, Stoeger apresenta uma conclusão semelhante à de Bonelli, sustentando que “Deus age de modo imanente na natureza – e em cada ‘canto’ da natureza, no ‘âmago’ de cada ser e no coração de cada relação – para constituí-la e mantê-la exatamente como ela é e exatamente como ela evolui”.¹⁹

4. A liberdade relativa das criaturas

O livro de Gênesis expõe que a escolha do homem pela inimizade com Deus provocou um desvio no curso original do mundo. A relação sublime e perfeita de Deus com a pessoa humana foi rompida e as consequências foram universais, uma vez que o eixo antrópico do cosmo foi danificado. Alguma variação ocorreu no interior da natureza, causando certo nível de desordem em sua produção e evolução.²⁰

¹⁷ Ibidem, p. 141.

¹⁸ Ibidem, p. 141.

¹⁹ Ibidem, p. 142.

²⁰ Gênesis 3:16-19; Romanos 8:20-23.

Se a morte do homem não estava prevista no projeto amoroso de Deus, a maldição pronunciada sobre a natureza provocaria adversidades físicas, trabalho pesado, pejeas e, finalmente, a morte por todas as gerações de seres humanos. É forçoso pensar que essa transformação cósmica seja resultante de uma intervenção divina direta com o propósito de executar o castigo imposto sobre o ser humano e de lembrar as consequências do pecado e, assim, a dependência e temor de Deus. Todavia, considerando a essencial bondade do Criador e de Seu amor pela criação, o que inclui Seu plano antecipado de redenção do mundo, é mais condizente pensar em uma ação divina reprimida, condicionada ao afastamento do homem da presença de Deus. Nessas condições, a liberdade dos seres criados se amplia, mas ao ser humano é atribuída toda a responsabilidade por tudo o que venha a acontecer a ele e ao mundo devido as suas escolhas.

No cenário de esperança de Romanos 8:20-23 – onde toda a criação aguarda por uma redenção – a liberdade da natureza se estende ao ponto de produzir obras magníficas mas também de tornar possíveis os desastres naturais, as anomalias biológicas, as doenças, etc. O ser humano segue fazendo uso de sua liberdade para buscar se religar a Deus ou então permanecer afastado dEle, para fazer o bem ou fazer o mau, para optar pela paz ou pela guerra. Por outro lado, Deus mantém Sua ação amorosa, no interior ainda mais profundo das coisas, induzindo a evolução do mundo conforme Sua própria liberdade e orientando o cosmos para uma restauração, de forma que a humanidade redimida habite uma nova Terra, debaixo de novos céus.²¹ Portanto, a hipótese de uma ação divina retraída não significa o Criador deixando o universo à deriva, pois Ele prossegue a preservar as leis naturais que trabalharam na formação das estrelas e dos planetas, da fauna e da flora, e continua a influenciar os dinamismos evolutivos no íntimo das coisas criadas. A diferença a partir da introdução do pecado é que de certa forma a natureza ganhou liberdade para produzir coisas boas ou coisas desagradáveis, como resultado da decisão do homem de assim viver entre o bem e o mau.²² Todavia, a ideia da natureza evoluindo

²¹ Isaías 65:17-25; 66:22; Romanos 8.20-22; 2 Pedro 3:13; Apocalipse 21.1-5.

²² Romanos 8:20.

com liberdade não contraria as Sagradas Escrituras desde que essa liberdade seja relativa ao propósito divino da regeneração do mundo.

A ação divina no íntimo de cada pessoa humana se relaciona diretamente com o conflito interior entre a carne e o Espírito.²³ Mesmo no ser humano mais carnal, a presença de Deus pode ser percebida por meio da consciência, pelos sentimentos e pelas emoções. Por Seu amor infinito, Deus insiste com cada pessoa em particular, esperando pacientemente por uma conversão para assim de forma mais completa poder ajudá-la a desenvolver sua espiritualidade.²⁴ O conflito espiritual irá perdurar por toda a vida da pessoa redimida, mas essa sempre terá o poder do Espírito Santo ao seu favor, que ajuda a resistir e mortificar a natureza carnal pecaminosa e, dessa forma, produzir o fruto espiritual e herdar o Reino de Deus.²⁵ Por livre e espontânea vontade, a pessoa deixa o Espírito Santo influenciar sua vida para crescer espiritualmente e alcançar sua plena realização na comunhão com Deus.²⁶ Essa é a vontade do Criador desde o princípio da criação. Neste ponto nos deparamos com o significado mais profundo da liberdade do ser humano. Essencialmente, aproximar-se de Deus ou afastar-se definitivamente dEle são as opções de escolha para a pessoa humana, pois são esses os dois únicos caminhos a se seguir.²⁷ Não há como alternar-se frequentemente entre as posições de santidade e impiedade, de amar a Deus e de amar o mundo, da alteridade e do egoísmo. Ou mantém-se os desejos escravizados pela natureza carnal pecaminosa ou deixa-se guiar pelos desejos do Espírito de Deus. Jesus ainda adverte enfaticamente que não é possível fazer uso da liberdade para viver em neutralidade, pois o vetor aponta para um dos dois lados.²⁸ Portanto, a liberdade do homem é plena no sentido de poder decidir entre dois destinos, entretanto, essas duas opções de escolha são relativas à vontade de Deus para a criação do ser humano.

²³ Gálatas 5:15-20.

²⁴ Apocalipse 3:20,21.

²⁵ Romanos 8:4-14.

²⁶ Efésios 3:14-19.

²⁷ Mateus 7:13,14.

²⁸ Mateus 12:30.

Na linguagem dos matemáticos, a liberdade da natureza é uma propriedade válida somente localmente no espaço-tempo, visto que no fim prevalecerá a vontade divina sobre a matéria criada. A partir de uma perspectiva externa global, concebemos um universo sendo conduzido a um fim específico e não evoluindo de forma aleatória ou segundo qualquer princípio evolucionista. Ao ser humano é reservada a liberdade plena de se decidir entre reconciliar-se com Deus ou afastar-se dEle para sempre. Portanto, tem-se a cada instante a instabilidade do bem e do mau, mas na consumação dos tempos se vivenciará definitivamente a bondade divina sobre os redimidos, pois, como está escrito, “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus”.²⁹

5. Aprimoramento do modelo evolucionário

O modelo darwiniano da evolução é evidentemente incompatível com a liberdade relativa das criaturas, uma vez que a teoria de Darwin não aceita agente transcendental nem mesmo um direcionamento inteligente para a evolução. Mas a teologia cristã tem agregado o pensamento evolucionista no exame da essência das criaturas e das potencialidades do ser humano. Por exemplo, corre a afirmação de que o ser humano inteiro é fruto da evolução, ou seja, tanto o corpo quanto o espírito são desenvolvidos progressivamente no processo evolutivo.³⁰ É claro que a teoria da evolução se limita a estudar a dimensão material do homem, independente da existência da dimensão espiritual. A questão é se os princípios darwinianos podem ser adaptados e estendidos para a reflexão sobre a evolução da completude humana ou se outro modelo evolucionário alternativo e aperfeiçoado convém ser adotado.

A Bíblia deixa clara a criação especial do ser humano à semelhança de Deus, superior às outras criaturas, dotado também de intelectualidade e de espírito.³¹

²⁹ Romanos 8:28; Efésios 1:9-11.

³⁰ BONELLI, M. A. G. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, p. 169.

³¹ Gênesis 1:26-30; 2:7.

No entanto, a Bíblia somente expõe um aspecto de evolução espiritual individual, a partir do ser humano já formado, por meio da revelação do Filho de Deus. Jesus ensina que para se religar a Deus é necessário nascer de novo e ser uma nova criatura, o que significa uma total mudança de vida.³² Essa transformação sobrevém por meio da ação gentil do Espírito Santo no íntimo da pessoa humana, que a convence do estado pecaminoso que a afasta de Deus, a fim de despertar a consciência da culpa e da necessidade de perdão.³³ Uma vez convicto, é necessário que o pecador faça sua escolha. Caso venha a se arrepender e decida voltar-se para Deus, o pecador redimido passa a viver em novidade de vida – em santidade – seguindo o exemplo e os ensinamentos de Cristo. Nessa nova vida a pessoa deve então buscar a plenitude do Espírito Santo, o que significa ser orientada ao ponto de não viver mais conforme sua própria vontade, mas segundo a vontade do Espírito de Deus, o que também remete a não conceder espaço para as obras carnis.³⁴ É nessas condições que o pecador redimido consegue se desgarrar do seu egoísmo e evoluir na alteridade. Essa posição corpóreo-espiritual plena foi vivida unicamente por Jesus de Nazaré, o qual forneceu o padrão de vida a ser aspirado no processo de evolução pessoal. Por meio de uma vida de jejum, oração e leitura da Palavra de Deus, o Espírito Santo age paulatinamente na pessoa até que alcance a estatura espiritual do homem perfeito que foi Jesus.³⁵ Portanto, o sentido bíblico da evolução humana é individual, pois Deus se relaciona com cada pessoa em particular, promovendo uma transformação progressiva à semelhança de Jesus, com garantia de realização completa.³⁶

Supondo uma evolução corpóreo-espiritual da espécie humana, a verdade bíblica apresenta o homem Jesus de Nazaré como o extremo máximo absoluto dessa evolução. Visto que não houve estrutura humana arbitrariamente próxima a de Jesus e uma vez que Jesus foi um ser humano como todos os envolvidos no processo,

³² João 3:3-6; 2 Coríntios 5:17; Gálatas 6:15; Efésios 2:10; 4:24; Colossenses 3:10.

³³ João 16:7,8.

³⁴ Efésios 5:18.

³⁵ Efésios 4:13; 2 Coríntios 3:18.

³⁶ 1 João 3:2; Apocalipse 22:4

deparamos com uma descontinuidade irremovível na cadeia evolutiva.³⁷ Mas como é pressuposto pelo modelo darwiniano, a evolução deve ser um processo contínuo, progressivo e eterno. Logo, não houve uma evolução corpóreo-espiritual da espécie humana conforme descreveria o modelo de Darwin, pois um processo evolutivo descontínuo e com extremo máximo já sucedido no espaço-tempo é uma condição completamente antidarwiniana, o que geraria uma contradição.

Portanto, o homem não é produto da evolução, pelo menos nos moldes darwinistas. Além disso, qualquer outro modelo evolutivo que venha a ser idealizado deverá levar em conta a evolução individual de cada pessoa humana em sua intimidade e não necessariamente a evolução da espécie humana como um todo. Mas para isso, o modelo deve se submeter à autoridade das Sagradas Escrituras, às quais se atribui exclusiva competência sobre assuntos da espiritualidade do homem.

Fica assim evidente que a teologia deve ser cautelosa com estudos que envolvam qualquer modelo de pensamento evolucionista, procurando dessa forma evitar conclusões precipitadas que podem até mesmo soar como heresias, efeito que frustraria todo o penoso trabalho. De fato, na reflexão teológica ponderada por princípios evolucionistas, podemos observar que a ação divina é classificada como um dos agentes do dinamismo evolutivo das coisas, onde Deus se abstém da condição de ser suficiente para tudo, deixando espaço para os mecanismos naturais agirem com liberdade nos processos evolutivos. Porém, essa linha de pensamento tem o potencial de espalhar o contrassenso do Criador não ser o criador, elegendo a evolução como a principal força responsável pela formação de todos os seres existentes. De fato, a impressão imediata é a suposição de que Deus tem uma função apenas parcial na criação, uma vez que o montante de processos evolutivos definitivamente produz tudo. Isso sem dúvidas ecoa como heresia e irreverência.

Para contornar esse problema, deve-se deixar claro que a reinterpretação do Criador apenas acrescenta detalhes à verdade bíblica, de nenhuma forma rebaixando o papel divino na formação do cosmo e das criaturas viventes. Com efeito, os processos evolutivos que produziram as estruturas primárias foram

³⁷ Eclesiastes 7:20; Romanos 3:10,11,23.

conduzidos contínua e incisivamente por Deus, etapa por etapa, para que o resultado fosse específico e bom, conforme relata os dois primeiros capítulos do livro do Gênesis. Depois de criar todas as espécies primárias segundo a Sua vontade, Deus descansou, ou seja, deixou de exercer a ação intensa e determinística para proporcionar o espaço de liberdade dos mecanismos naturais na continuação dos processos evolutivos que sustentariam o mundo.³⁸ Nessa concepção, Deus é literalmente o Criador de todas as coisas, enquanto os processos evolutivos desempenham um papel de suma importância na criação continuada.

Outro conflito causado pelo pensamento evolucionista provém da clássica associação do ser humano com alguma espécie de primata,³⁹ onde observações ingênuas das semelhanças de fenótipos e genótipos suscitaram a inclusão de um símio em alguma etapa da cadeia de formação do homem. Porém, após ter criado todas as espécies de plantas e animais, Deus fez o anúncio da obra excelente: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”, e então “criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”.⁴⁰ Esse processo de formação do homem provavelmente será sempre um mistério, mas podemos ter certeza que foi independente de qualquer outra criatura vivente. Essencialmente, o ser humano é a única criatura capaz de se relacionar de modo pessoal com Deus e de conscientemente compartilhar o amor com o Criador. Por isso, é ultrajante a comparação do ser humano com uma criatura tão inferior como um primata, e a inclusão de um símio na formação do homem provoca divergências insuperáveis no exame da evolução corpóreo-espiritual. Muito pior que isso, pelo fato do homem ser a imagem e semelhança de Deus, associá-lo a um primata por meio das semelhanças é um contrassenso sacrílego.

A afirmação de que o ser humano é a evolução de alguma espécie de primata, além de herética, é anticientífica, uma vez que o conhecimento científico atual não comprova tal associação. Com efeito, não há registros verídicos de elos de transição e existem diversas inconsistências matemáticas na passagem dos

³⁸ Gênesis 2:1-3.

³⁹ BONELLI, M. A. G. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, p. 167.

⁴⁰ Gênesis 1:26,27.

genótipos.⁴¹ Ora, não importa se genótipos diferem por 0,5% ou por 50%; eles são únicos! Deus assim criou cada espécie de maneira única, e o homem é a criação especialíssima. Tudo isso deve ser considerado na idealização de um pensamento evolucionista adequado para a reflexão das potencialidades do ser humano.

Mais um alerta decorre de uma conclusão ambígua resultante da aplicação do modelo evolucionista usual:

Assim, percebemos que aquilo que antes era visto como sinal de castigo (o caráter penoso e doloroso do desenvolvimento da vida humana na Terra) torna-se, quando considerando em perspectiva evolutiva, sinal de benção e de possibilidade de ampliar o desenvolvimento da criatividade e da liberdade do ser humano.⁴²

A reflexão minuciosa e bem argumentada de Bonelli fecha com uma aparente contradição ao texto de Gênesis 3:17 onde claramente é descrito o pronunciamento de uma maldição sobre a terra. Provavelmente temos aqui um mal-entendido, mas afirmativas como essa podem denegrir o pensamento evolucionista e frustrar as expectativas de tão elogiável trabalho.

Contudo, o aprimoramento mais imprescindível deve ser produzido na relação dos componentes físicos e metafísicos da evolução. Um pensamento evolucionista inclinado para princípios materialistas certamente impossibilita uma reflexão produtiva sobre a história completa do ser humano. Entretanto, sabemos que somente a Palavra de Deus tem a propriedade e a autoridade de explicar a completude do homem.⁴³ Portanto, a reflexão teológica será promissora enquanto manter seu pensamento supervisionado pela Palavra de Deus, do contrário, qualquer tentativa de explicação da criação irá fracassar caso os princípios bíblicos estiverem ausentes ou em segundo plano. A teologia submergirá em contradições devido à inversão de autoridades. Nesse sentido, é extremamente arriscada a reinterpretação

⁴¹ Sugerimos a leitura do artigo *Os matemáticos da evolução* para notas sobre as inconsistências do mecanismo darwiniano.

⁴² BONELLI, M. A. G. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, p. 182.

⁴³ Hebreus 4:12; 1 Coríntios 2:4-16.

do conhecimento bíblico a partir do pensamento evolucionista, sendo mais coerente e prudente uma reflexão que respeite a autoridade da Palavra de Deus, de forma que qualquer modelo de pensamento evolucionista seja examinado a luz das Escrituras Sagradas antes de ser aplicado à teologia, priorizando o sentido da vida do homem segundo a vontade divina e a revelação de Jesus Cristo para a salvação do mundo.

6. Conclusão

Por se sustentar exclusivamente nas ciências naturais, o mecanismo darwiniano é carente de potencial para produzir uma metodologia capaz de contribuir com o discurso da evolução corpóreo-espiritual completa do ser humano. Todavia, a evolução é um fato e, portanto, deve ser considerada na reflexão teológica, idealizando-se um modelo de pensamento evolucionista eficiente e integrado à ação divina.

Entretanto, a conclusão a que chegamos é que nenhum tipo de pensamento adicional é necessário para a reflexão sobre a liberdade e o desenvolvimento espiritual do homem, pois parece irrelevante saber se o corpo e o espírito evoluíram juntos desde o início, uma vez que o essencial para a pessoa humana é evoluir em direção a Deus, até sua realização completa em Jesus Cristo. Esse caminho foi perfeitamente revelado.

Não contemplamos a espécie humana evoluindo progressivamente rumo a um auge espiritual, mas podemos conceber cada pessoa humana, em todos os tempos, usando de sua liberdade para evoluir na plenitude de Deus ou para involuir na recusa de viver na presença divina. Porém, deve-se observar que no estado de rejeição a Deus não há mais liberdade, mas sim o predomínio dos desejos escravizadores da carne. Portanto, a verdadeira liberdade ocorre onde o Espírito de Deus está presente,⁴⁴ liberdade que deixa a pessoa livre para servir a Deus e ao próximo e ao mesmo tempo se abduzir das obras carnis e do egoísmo.⁴⁵

⁴⁴ 2 Coríntios 3:17.

⁴⁵ 1 Tessalonicenses 1:9; 1 Coríntios 9:19; Gálatas 5:1,13; 1 Pedro 2:16.

Enfim, há somente dois caminhos e somente duas escolhas, “quem é injusto faça injustiça ainda; e quem está sujo suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda”.⁴⁶

Bibliografia

BONELLI, M. A. G.. Pessoa humana: liberdade em processo de evolução dinamizado pela graça, in: RUBIO, A. G. e AMADO, J. P., *Fé cristã e pensamento evolucionista: aproximações teológico-pastorais a um tema desafiador*. São Paulo: Paulinas, 2012.

GALILEU. *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. Tradução Carlos Arthur R. do Nascimento. 2.ed. rev. e ampl.. São Paulo: Ed. da UNESP, 2009.

SEGUNDO, J. L.. *Que Mundo? Que Homem? Que Deus? Aproximações entre ciência, filosofia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SOUZA, J. A.. Os matemáticos da evolução. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, vol. 10, n. 17, p. 54-70, 2016.

STOEGER, W. R. *As Leis da Natureza: Conhecimento Humano e Ação Divina*. São Paulo: Paulinas, 2002.

Recebido em: 20/02/2018

Aprovado em: 26/06/2018

⁴⁶ Apocalipse 22:11.